

Ângelo de Lima ou a pluralidade de um vocabulário de abrangências

[Ângelo de Lima or the plurality of a comprehensive vocabulary]

Rui Sousa*

LIMA, Ângelo de (2023). *Ângelo de Lima. Obra Reunida*. Edição, estudo e notas de Duarte Drumond Braga e Rui Lopo. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal. 380 pp. [ISBN: 978-972-565-706-5].



Ângelo de Lima (1872-1921) é, seguramente, uma das figuras mais icónicas da literatura portuguesa do século XX. Com efeito, a sua participação no segundo número da revista fundamental do Modernismo português, *Orpheu*, assim como a complexidade do caso que o isolou da sociedade portuguesa durante quase toda a sua vida, garantiram ao poeta e artista plástico um lugar indelével no panorama global da história literária portuguesa. Ao longo das décadas, a figura e a obra de Ângelo de Lima foram glosadas e recuperadas com singular continuidade e sobretudo com ampla capacidade de penetração nos mais diversos domínios do meio literário português.

Essas diversas vertentes vão do explícito diálogo intertextual com a sua obra à identificação de sucessivos candidatos a jovens poetas com o seu caso humano, um dos mais associáveis à figura do autor maldito, e à conversão dessas duas facetas em símbolo eficaz de um *marketing* poético que tem a sua expressão maior, potencialmente, nas inúmeras editoras que recorreram a excertos de versos seus para se identificarem e alinharem a sua agenda com a de um público de nicho, mas de grande fidelidade. A despeito dessas incursões, e da relativa recuperação dos poemas de Ângelo de Lima em antologias emblemáticas, casos das antologias de Herberto Helder – *Poesia experimental: 1º caderno antológico* (1964), com António Aragão, e *Edoi Lelia Doura: Antologia das vozes comunicantes da poesia moderna portuguesa* (1985) –, ou da segunda série das *Líricas Portuguesas*, da responsabilidade de João Cabral do Nascimento (1967), a obra de Ângelo de Lima demorou a ser editada com um mínimo de consistência e amplitude.

Com efeito, antes da edição desta *Obra Reunida*, da responsabilidade dos investigadores Duarte Drumond Braga e Rui Lopo, que oferecem não só um contributo fundamental no âmbito da fortuna editorial do poeta, mas também um extenso

* Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias.

e documentado estudo ensaístico que permanecerá durante décadas como uma das peças maiores da bibliografia crítica em torno de Lima e da sua receção, o percurso editorial da obra era constituído pelos seguintes livros: *Poesia de Ângelo de Lima e Ângelo de Lima: notas autobiográficas*, no quarto e último número da importante revista *Folhas de Poesia* (1957-1959), dirigida por António Salvado, Helder Macedo e Herberto Helder (o primeiro seria o responsável pela edição dos poemas de Lima); o volume *Poemas in Orpheu 2 e outros poemas* (Hiena, 1984); a emblemática edição das *Poesias Completas* da responsabilidade de Fernando Guimarães (Inova, 1971; Assírio & Alvim, 1991; 2003; 2006); a pioneira tradução para italiano *Poesie*, da responsabilidade de Barbara Gori (Urogallo, 2015); e a antologia *Pára-me de repente o pensamento* (Opera Omnia, 2022).

De algum modo, poderia supor-se que o modesto fluxo de edições dedicadas à obra do poeta poderia dever-se à sua extensão relativamente escassa, não muito distinta da de outros poetas parcialmente contemporâneos, casos de Cesário Verde (1855-1886), António Nobre (1867-1900) ou Camilo Pessanha (1867-1926), o terceiro dos quais só começou a ser mais amplamente mapeado editorialmente já no século XXI, por intervenção de Daniel Pires (*Correspondência, dedicatórias e outros textos*, BNP e Unicamp, 2012) e de um dos organizadores deste livro, Duarte Braga (*China e Macau*, Livro de Bolso, 2023,). Contudo, o sucesso editorial da obra de Ângelo de Lima também se encontra vinculado ao facto de parte da sua produção ter ficado relativamente esquecida nos arquivos das casas de saúde psiquiátrica nas quais passou parte considerável da sua vida ativa, nomeadamente o Hospital de Rilhafoles, ou em arquivos particulares só bem investigados devido à dedicação dos dois organizadores deste volume.

Assim, antecipando considerações mais demoradas quanto ao conteúdo do livro *Obra Reunida* de Ângelo de Lima (BNP, 2023) e ao impacto decisivo que poderá ter nos estudos em torno do poeta, é decisivo que se aprecie a importância de um estudo desta natureza no atual contexto editorial e académico português. Com efeito, é relativamente raro que se reúnam as condições para que dois investigadores tenham os meios materiais necessários à compilação de uma tal diversidade de documentos, assim como a qualificação necessária para dialogarem com os diferentes contextos bibliográficos e arquivísticos implicados na preparação deste volume bastante extenso e diversificado. Nessa linha, estamos perante um livro que considera como peças de um mesmo conceito abrangente de obra os poemas publicados em vida (de “Eu hontem vi-te...”, publicado no oitavo número de *A Geração Nova*, de 1894, ao conjunto de cinco poemas incluídos no segundo número da revista *Orpheu*, em 1915); os poemas dados a conhecer ao longo das décadas, maioritariamente coligidos nas edições da responsabilidade de António Salvado e de Fernando Guimarães; os significativos textos em prosa do autor, incluindo o que se conseguiu conservar da sua correspondência com a família e os amigos; as diversas vertentes da sua atividade de artista plástico, nem sempre devidamente salientada e que corres-

ponde, como várias vezes se observa, a uma via expressiva potencialmente mais constante e nuclear do que a sua produção poética; a marginália ao livro *La Légende des Siècles*, de Victor Hugo, e as pontuais incursões na atividade tradutória que dela derivam; finalmente, um conjunto muito ilustrativo de documentos produzidos no âmbito do percurso militar e do posterior internamento psiquiátrico, duas facetas biográficas que contribuíram para a composição da imagem do poeta como figura à margem dos códigos e convenções sociais.

Aliás, para além de um trabalho de revisão editorial de algumas composições poéticas anteriormente publicadas por Fernando Guimarães, os grandes contributos de *Obra Reunida* situam-se, quanto a mim, ao nível da ampliação e diversificação do mapeamento com que deveremos passar a abordar a obra de Ângelo de Lima. Essa expansão verifica-se tanto na disponibilização de algumas peças fundamentais – merecendo especial menção o texto em prosa de difícil classificação “Pela Medictação” e o conjunto de materiais extraídos do exemplar de *La Légende des Siècles*, de Victor Hugo, obtidos através do contacto com Gilles Ortlieb, autor do surpreendente romance *Angelo* (2018) – como ao nível do estudo crítico. O confronto entre os documentos já conhecidos, os que se encontravam dispersos, os que foram recentemente investigados e publicados por Sofia Narciso Santos nas páginas de *1915 – O Ano de Orpheu* (SANTOS, 2015b), e ainda os totalmente inéditos, vêm alterar – ou pelo menos reenquadrar – a imagem que até agora se tinha da obra de Ângelo de Lima.

Esta *Obra Reunida* proporciona uma muito mais complexa compreensão do valor da obra do poeta, assim como da considerável coesão vocabular e conceptual do seu universo criativo e até da confluência de intuições críticas e de insistências imagéticas na poesia, na prosa, nos textos de crítica literária e na copiosa produção plástica. Também um dos esteios da fortuna crítica em torno da vida e da obra de Ângelo de Lima, a discussão sobre a situação clínica do autor e sobre os malefícios evidentes do confinamento hospitalar na degradação de problemas já existentes ou que resultaram de preconceitos sociais e morais e posteriormente dos efeitos do abuso do sistema punitivo e normalizador da época, adquire nova espessura com esta edição, pelo menos de três modos distintos.

Por um lado, muitos dos textos em verso e em prosa reunidos neste volume indiciam uma maestria composicional e uma deliberada apropriação de processos poéticos de diferentes origens, a que talvez fosse pertinente acrescentar eventuais casos de simulação deliberada e provocatória de elementos derivados do vocabulário analítico a que recorria a instituição psiquiátrica, ao qual o autor tinha acesso através de obras da especialidade que adquiriu e consultou.

Por outro lado, parece ser evidente uma certa evolução da obra, que vai de uma poesia mais devedora de referentes nacionais e internacionais finisseculares, a que talvez possa associar-se o poema mais conhecido do autor, o soneto “Pára-me de repente o pensamento”, que alguns críticos da época aproximaram da produção de Antero de Quental, a uma expressão cada vez mais pessoal. Essa vertente mais

reconhecível da obra de Lima encontra-se, certamente, concentrada em torno de motivos e processos enquadráveis numa poética simbolista afim das produções e sobretudo da vertente programática de algum Eugénio de Castro, assim como num interesse finissecular pela tematização de ambientes orientalizantes ou na figuração feminina a partir de mitos clássicos e da matriz da *femme fatale*, mas na grande maioria dos poemas que a constituem evidencia-se uma tonalidade e um recurso provavelmente consciente a processos de diluição associativa e de fragmentação discursiva que não têm paralelo na poesia portuguesa e que, devendo-se ou não à verbalização de algumas situações psiquiátricas, foram manobradas para a constituição de um universo poético estruturado, que chega a ser expresso criticamente pelo próprio, por exemplo na carta dirigida aos poetas da revista *Orpheu* (LIMA, 2023: 232-233).

Finalmente, o confronto da obra de Ângelo de Lima com os documentos de outros autores, incluindo as várias peças associadas ao diagnóstico psiquiátrico, as notícias de jornal dedicadas ao ambiente vivido em Rilhafoles ou os testemunhos de amigos do poeta, permitem-nos discutir com grande abrangência toda a controvérsia que ajudou a consagrar uma certa figura de autor. Poderá provavelmente ler-se todo este dossier à luz das enormes tensões que a instituição psiquiátrica suscitava na época, sendo que o caso de Ângelo de Lima é, neste panorama, particularmente significativo. Nele convergem diversas questões, como ocorre amiúde no plano aglutinador próprio do vocabulário negativo e estigmatizante, incluindo aspetos relacionados com maus comportamentos no desempenho das funções militares, hipotéticos desvios sexuais, incompreensões resultantes de algum desafio aos valores de uma ordem social que evoluiu gradualmente para uma normativização agressiva, incluindo no domínio da criação artística.

Considerados estes aspetos, importa apreciar mais detidamente a estrutura do livro, que anuncia, desde o título, a sua natureza e alcance. Com efeito, *Obra Reunida* é bastante diferente do que poderia ser o hipotético anúncio de uma obra completa, que seria sempre impossível atendendo a que se conhecem alguns textos do poeta ainda dispersos, provavelmente perdidos, aos quais António Cândido Franco já fez menção (FRANCO, 2024: 123). É um título que deixa em aberto a hipótese de virem a ser conhecidas e acrescentadas novas aquisições e que permitirá certamente aos organizadores resolver alguns problemas, como o esquecimento de dois poemas publicados por Fernando Guimarães nas *Poesias Completas* (1971), “– Vivêr!...” e “O Mar” ou algumas lacunas na leitura e transcrição de alguns textos, nomeadamente os de marginalia ao livro de Victor Hugo.

A edição encontra-se organizada em nove secções, a que se somam um breve prefácio de Nuno Júdice, a justificação dos critérios adotados e a apreciação dos motivos que justificaram e orientaram o projeto, um extenso e muito importante estudo introdutório sobre as diferentes facetas da vida e da obra de Ângelo de Lima, significativamente intitulado “Ângelo de Lima: para além da loucura”, e, como anexo, a transcrição diplomática de um dos documentos inéditos que os organizadores con-

sideram – creio que com evidente acerto – um ponto alto da investigação, “Pela meditação”. As secções oferecem uma indicação precisa quanto à leitura que os organizadores fazem do modo como pode ser arrumada e catalogada a obra do autor.

“Poesia” oferece uma panorâmica da produção poética, em quatro subsecções, que remetem para duas etapas relativamente coesas e relacionáveis com a fronteira representada pela entrada do poeta em Rilhafoles (1894-1900 e 1901-1921) para, depois, isolarem o icónico poema “Pára-me de repente o pensamento”, apreciado através dos testemunhos da sua sucessiva recuperação editorial, com variações que poderiam ser estudadas de um ponto de vista filológico eventualmente a partir dos recursos da crítica genética, e o conjunto de intervenções relacionadas com o livro de Victor Hugo.

“Outros textos” reúne boa parte das produções em prosa de Ângelo de Lima, nas suas facetas de crítico, polemista, autobiógrafo, interveniente cívico e autor do referido “Pela meditação”, misto de ensaio e de poema em prosa com muitos dos processos e vocabulário que ocorrem nos poemas. A “Correspondência” e a secção de “Esboços, apontamentos e marginália” poderiam perfeitamente ter sido reunidos nas duas etiquetas anteriores, sobretudo atendendo à riqueza literária das cartas dirigidas à mãe ou ao facto de os esboços e marginália serem, essencialmente, articuláveis com a produção poética e com a intervenção no livro *La Légende des Siècles*.

Segue-se uma seleção bastante significativa da produção plástica do autor – cf. “Obra Pictórica Seleta” – que permite, como os organizadores acentuam no ensaio introdutório, sugestivas aproximações entre as vertentes criativas com que o autor foi amplamente reconhecido no seu tempo, provavelmente mais do que na posteridade crítica, já que os desenhos e pinturas tenderam a ser ignorados.

Seguem-se secções relacionadas com o enquadramento biográfico e crítico de Ângelo de Lima: “Documentos Clínicos e Judiciais”, com especial destaque para o “Relatório sobre o estado mental de Ângelo de Lima”, que é uma peça muito interessante, sobretudo atendendo ao modo como apresenta uma série de dados e argumentos que constroem uma perspetiva ambígua sobre o paciente; “Documentos Militares”, que, em especial através do registo disciplinar, permitem ter uma ideia sobre a experiência militar do poeta; “Textos Evocativos e de Interesse Biográfico”, que antologia um conjunto de textos diversos sobre Ângelo de Lima, compreendidos entre 1895 e 1969, que oferecem elementos muito relevantes para a apreciação dos meios literário e artístico da época e do modo como eram socialmente apreendidos e integrados, com repercussões, por exemplo, na leitura da polémica em torno de *Orpheu*; finalmente, permitindo chamar a atenção para um contributo editorial precioso, publica-se pela primeira vez, em secção própria, o estudo de António Lobo Antunes e de Maria Inês Silva Dias, “Loucura e Criação Artística. Ângelo de Lima, poeta de *Orpheu*”, escrito em 1974 e que ganhou o prémio Sandoz de psiquiatria no ano seguinte.

Este manancial de documentos de diferentes registos e proveniências, que impacta o modo como lemos e recebemos a obra de Ângelo de Lima, poderia eventualmente ser publicado autonomamente. No entanto, a sua inclusão no âmbito de uma recolha abrangente das etapas e registos da obra do autor revela-se particularmente pertinente, pois contribui para reforçar a ideia de que, pelo menos em parte, muito do que se escreveu em torno dessa obra ajudou a consolidar condições de leitura que dificilmente deixarão de ser retomadas em futuras incursões no estudo destes textos. O trabalho de Lobo Antunes e de Silva Dias – verdadeira novidade editorial que, embora já fosse do conhecimento de alguns, nunca tinha sido publicado num livro de ampla circulação – é um desses contributos que pode alargar o interesse deste volume aos próprios estudos sobre o romancista. Refiro-me, por exemplo, à repercussão literária da sua etapa africana, tão afim da experienciada por Ângelo de Lima, ou à ampla ressonância de questões derivadas da sua atividade como psiquiatra na sua obra romanesca.

Apresentada a diversidade textual exposta nesta *Obra Reunida*, cuja compilação e divulgação amplamente se saúda e que certamente terá repercussões decisivas nos estudos futuros em torno de Ângelo de Lima e do seu lugar peculiar no panorama global da literatura portuguesa do final do século XIX e das primeiras décadas do século XX, importa dedicar uma breve leitura ao extenso ensaio introdutório, que exhibe, expressiva e categoricamente, a importância do percurso de investigação que tem sido desenvolvido pelos dois organizadores.

Duarte Drumond Braga tem-se notabilizado por um importante trabalho de problematização global do Orientalismo português, relacionando a especificidade do pensamento orientalista nacional com o amplo, constante e multifacetado discurso do Ocidente europeu em torno do panorama desconhecido e misterioso da civilização oriental, interesse movido por um misto de razões económicas, de rivalidade geoestratégica e de genuína curiosidade por um espaço cultural milenar, pleno de cambiantes, que nos melhores momentos antecipa ou dá contornos peculiares a técnicas e procedimentos artísticos reivindicados pelos movimentos estéticos europeus, incluindo os novecentistas. A esse contributo teórico consistente, que tangeu os estudos em torno do Modernismo português num livro dedicado a Pessoa e ao seu interesse pelo orientalismo finissecular, *As Índias Espirituais. Fernando Pessoa e o Orientalismo Português* (Tinta-da-china, 2019), deve ser acrescentada a edição de fontes relacionadas com autores desse contexto, caso sobretudo de Camilo Pessanha.

Rui Lopo tem-se notabilizado por uma intensa atividade de investigação em espólios de inúmeros filósofos e escritores portugueses, incluindo Agostinho da Silva, António Telmo, António Quadros, José Marinho, Fernando Pessoa e, mais recentemente, Raul Leal, do qual publicou o precioso *Raul Leal: Leitor de Fernando Pessoa, leitor de si mesmo ou A Criação do Futuro. textos sobre e para Fernando Pessoa* (Universidade do Porto, 2023). Foi esse trabalho, de resto, que permitiu identificar alguns documentos constantes do espólio de Fernando Pessoa que, atribuídos a Leal, eram

de facto da autoria de Ângelo de Lima e ajudaram a motivar esta edição desta *Obra Reunida*. Trata-se de “Pela Medictação”, texto que os autores optaram por incluir como anexo, sublinhando desse modo o significado da descoberta.

Além de apresentarem uma muito documentada panorâmica da vida e da obra de Ângelo de Lima, assim como uma compreensão global das escassas e incompletas incursões editoriais em seu torno, os dois ensaístas optaram por discutir o assunto salientando as seguintes facetas: a delicada receção pública da experiência vital do poeta, sobretudo em termos militares e de costumes, na etiqueta “Talentos e falhas notáveis”; a crítica ao sistema psiquiátrico da época, com atenção rigorosa às contradições com que o caso de Ângelo de Lima foi apreciado e julgado, na etiqueta “Essa crítica louca”; a interpretação do percurso literário, em “Do Romantismo ao episódio órfico”, com que se problematiza a relação do autor com as tradições que se cruzam na sua obra, com afinidades que vão de Victor Hugo, João de Deus e Antero de Quental a Eugénio de Castro e ao ambiente pós-simbolista que culminou no *Orpheu*; a análise à transversal presença do orientalismo na obra, no segmento “*Oriente: Ângelo e o orientalismo*”, que desde o título se concentra na originalidade da linguagem de Lima e no modo como este se apropria dos vocabulários a que recorre, incluindo o imaginário orientalista decisivo na sua época; a abordagem de um outro veio que articula o poeta com outros contemporâneos, nomeadamente com Fernando Pessoa, o interesse e a tematização original de questões relacionadas com o esoterismo e com as ciências naturais, com “ ‘Pela Medictação’: um discurso visionário entre Esoterismo e Ciência”, que serve também de apreciação crítica ao texto encontrado no espólio pessoano; a apreciação aos desenhos e produções pictóricas de Lima, na etiqueta “A Obra Plástica”, que, embora nenhum dos organizadores seja especialista no vocabulário técnico específico e de não existirem abordagens consistentes a essa vertente, ajuda a refletir sobre a qualidade e o reconhecimento por parte do meio artístico, apesar das questões suscitadas pelo encarceramento precoce; finalmente, a leitura da posteridade da vida e da obra do autor, numa síntese que, necessariamente incompleta dada a diversidade de expressões e o facto de a receção estar ativamente em curso, atenta nos pilares fundamentais daquela que constitui uma verdadeira via outra de compreensão da radicalidade da produção poética publicada em *Orpheu*.

Desses tópicos, os que considero mais decisivos em termos críticos são os votados às interações de Ângelo de Lima com o orientalismo, com o esoterismo e com o magnetismo. Com efeito, se alguns trabalhos recentes, com especial incidência para a investigação pioneira de Sofia SANTOS (2015a), tinham já procedido a uma autópsia persuasiva da controvérsia que rodeou todo o processo de internamento e patologização do poeta, com consequentes repercussões no modo como se procedeu a uma análise precipitada da sua produção literária, a reflexão sobre as fontes bibliográficas da obra é uma novidade que se saúda. Devendo bastante ao conhecimento exaustivo dos organizadores, nomeadamente à importante pesquisa de Duarte Braga

em torno do orientalismo e ao percurso de reflexão sobre as pontes entre literatura e filosofia conduzida por Rui Lopo, essas páginas são do que de mais criticamente estimulante se tem escrito sobre essas questões tão candentes no panorama dos estudos modernistas contemporâneos.

Essas vertentes epocais com as quais Ângelo de Lima entretém um diálogo muito particular podem detetar-se em duas das mais interessantes componentes da obra aqui compilada, as cartas dirigidas à mãe durante o período de viagens em serviço militar e os textos autobiográficos nos quais o poeta acentuava alguns episódios acidentados da sua vida, reivindicando, contudo, um capital de conhecimento que lhe permitia apreciar desde dentro o vocabulário e as estratégias da instituição psiquiátrica. É exemplo a carta na qual o poeta descreve paisagens que vão de Lourenço Marques a Zanzibar e que evidenciam uma grande consciência da importância dos pequenos pormenores geográficos, culturais e políticos, evidenciando também assinalável perceção do espaço ocupado por Portugal nesse mapeamento vasto de claros contornos coloniais, num momento que culminaria na revolução republicana (LIMA, 2023: 225-228), em cujo contexto amplo participa também com documentos muito singulares nos quais discute o conteúdo da bandeira nacional (pp. 192-196).

Quanto à expressiva e corajosa necessidade de contrariar os diagnósticos da sua situação clínica, produzidos, quer por instituições estatais, quer por amigos e conhecidos, acrescida de um conhecimento vocabular representativo do interesse pela temática que partilhava com Pessoa ou Miguel Bombarda, será muito interessante uma leitura conjugada de textos como “Eu não estou doudo” (pp. 187-188), a narrativa autobiográfica que acompanha o “Relatório sobre o Estado Mental de Ângelo de Lima”, de Miguel Bombarda (pp. 189-191), a carta dirigida a Albino Forjaz de Sampaio em 1911 (p. 231), a transcrição das suas declarações aquando da polémica no Teatro Dona Amélia que suscitaria o seu primeiro episódio de clausura (p. 288) ou o retrato que dele é dado no impressionante artigo sobre Rilhafoles “Miséria em Lisboa”, publicado no jornal *O Dia*, 05-09-1092 (pp. 320-324). Todos esses testemunhos dão a ver que, pelo menos no que respeita à consciência do diferendo relativamente aos valores estabelecidos e à discordância quanto ao diagnóstico, existe constância de pensamento e de argumentação, que não se encontra necessariamente desmentida pelo relatório médico de Miguel Bombarda. É de salientar, por exemplo, que nesse diagnóstico se recorre a um elemento com ampla tradição no quadro da psiquiatria forense desde o final do século XIX, por exemplo a partir dos estudos do criminologista italiano Cesare Lombroso, os estudos fisionómicos, que também foram, como é sabido, do interesse de Fernando Pessoa (cf. PESSOA, 2006: I, 159-174 e 306-328). Ora, é conhecido que esse, como muitos outros esteios da instituição psiquiátrica do final do século XIX e das primeiras décadas do século XX, são atualmente considerados, no mínimo, muito duvidosos.

Em síntese, portanto, se excetuarmos alguns esquecimentos de poemas e certas lacunas de leitura dos textos, ou algumas gralhas pontuais, problemas que pode-

rão facilmente ser resolvidos numa segunda edição do livro e que de modo algum maculam a raridade do empreendimento bibliográfico em apreço, esta *Obra Reunida* de Ângelo de Lima pode considerar-se um acontecimento que antecipa ou propicia importantes desenvolvimentos. Abrem-se, assim, novos rumos, não apenas no estudo concernentes ao autor, mas também em investigações mais panorâmicas e abrangentes, por exemplo sobre a pluralidade das vertentes orientalistas na literatura portuguesa dos séculos XIX e XX, sobre o peso das diferentes instituições repressivas no modo como se configurou a categoria do autor no contexto da literatura portuguesa modernista e de vanguarda ou sobre o interesse pelo estudo da esfera controversa da patologia mental, quer da parte de figuras proeminentes como Júlio de Matos ou Miguel Bombarda, quer no plano de poetas e escritores com interesse bibliográfico e teórico por esses domínios.

Bibliografia

- LIMA, Ângelo de (2023). *Ângelo de Lima. Obra Reunida*. Edição, estudo e notas de Duarte Drumond Braga e Rui Lopo. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.
- FRANCO, António Cândido (2024). "Ângelo de Lima: a desrazão do poema [crítica a 'Obra Reunida', de Ângelo de Lima]". *Colóquio/Letras*, n.º 216, Maio, pp. 121-126.
- PESSOA, Fernando (2006). *Escritos sobre Génio e Loucura*. Edição crítica de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 2 vols.
- SANTOS, Sofia Narciso (2015a). "Cópia dos Autos de Polícia Correccional de Lisboa, Arquivo Clínico e mais alguns documentos referentes ao caso biográfico e psiquiátrico de Ângelo de Lima". *Pessoa Plural — A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 7, Primavera, pp. 220-291. Brown Digital Repository. Brown University Library. <https://doi.org/10.7301/Z01C1VBC>
- (2015b). "'Estes Versos Antigos Que Eu Dizia'. A tragédia de Ângelo de Lima no contexto do *Orpheu*". 1915 – *O Ano do Orpheu*. Steffen Dix (org.). Lisboa: Tinta-da-china, pp. 335-351.

RUI SOUSA. Investigador do Grupo 1 do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL). Mestre em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea (2009), e Doutorado em Estudos de Literatura e de Cultura (2019), pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Participou na obra *1915: O Ano do Orpheu* (coord. Steffen Dix). Colabora na revista *Pessoa Plural* e em eventos organizados pelo Projecto Estranhar Pessoa e pela Casa Fernando Pessoa. Publicou *A Presença do Abjecto no Surrealismo Português* (2016), *Do Libertino: revisões de um conceito através do caso de Luiz Pacheco* (2023) e *Cesariny e o Monstro Pessoa* (2024). Coordena o projecto de investigação *Contextos Críticos do Modernismo e do Surrealismo em Portugal* e o ciclo de eventos de comemoração do centenário de Luiz Pacheco, *Luiz Pacheco Passeia por Todo o Papel (1925-2025)*. Investigador Responsável pelo Projecto Exploratório FCT *Surrealismo-Abjeccionismo em Portugal. Da folha volante ao mundo digital* (2025-2026).

RUI SOUSA is a researcher in Group 1 of Centre for Lusophone and European Literatures and Cultures (CLEPUL). He holds a master's degree in modern and Contemporary Portuguese Literature (2009) and a PhD in Literary and Cultural Studies (2019) from the Faculty of Arts of the University of Lisbon. He contributed to the volume *1915: O Ano do Orpheu* (ed. Steffen Dix) and collaborates with the journal *Pessoa Plural*, as well as with events organized by the *Estranhar Pessoa* project and the Casa Fernando Pessoa. His main publications include *A Presença do Abjecto no Surrealismo Português* (2016), *Do Libertino: Revisões de um Conceito através do Caso de Luiz Pacheco* (2023), and *Cesariny e o Monstro Pessoa* (2024). He coordinates the research project *Critical Contexts of Modernism and Surrealism in Portugal* and the series of events commemorating the centenary of Luiz Pacheco, *Luiz Pacheco Wanders Across All the Paper (1925-2025)*. He is the Principal Investigator of the FCT Exploratory Project *Surrealism–Abjectionism in Portugal: From the Broadside to the Digital World* (2025-2026).